

Como combater a cultura de violência na Universidade

Helena Augusta Lisboa de Oliveira

Bruno Goulart de Oliveira

Exemplos de tentativa de corrigir comportamento com violência:

Se um pai bater no filho porque viu ele gritar com sua irmã, é possível que o filho não grite mais. O filho deixará de gritar porque deseja respeitar a sua irmã ou para não apanhar? Ele passará a tratá-la com gentileza ou ficará com raiva dela e do pai? E quando o pai não estiver lá para ver? E se ele for mais forte que o pai? Como ele se relacionará com mulheres ao longo da vida? Ele aprendeu o respeito genuíno às mulheres, ou que a violência é a forma de resolução de problemas, e que ela só é parada frente a presença de autoridades? E se não tiverem autoridades ou alguém mais forte que ele? Essas violências dão manutenção a estruturas hierárquicas, mantendo uma sociedade que não desenvolve a autonomia do indivíduo, sendo necessária a presença de outro para controlar suas ações (regras externas a ele, autoridades que controlam e escolhem por ele, etc), pois as regras éticas não foram trabalhadas e desenvolvidas no indivíduo, internamente.

Se um estudante diz ao professor que os prazos estão muito curtos e o docente responde dizendo que ele é um “fracote”, é possível que o estudante se esforce mais. Mas qual sua motivação para isso? Não ser considerado fraco? Nesse contexto, provavelmente seu trabalho virá não porque é importante estudar, mas porque não quer ser humilhado ou excluído. Além disso, esse pensamento propaga um estigma de que “é ruim ser fraco” e que as pessoas não devem levar em consideração seus limites e necessidades. Esse pensamento pode predispor tal pessoa a não ter cuidado com sua saúde física e mental. Além disso, socialmente, promove a visão de que lutar pelos direitos humanos, pelo respeito, pela igualdade e valorização das individualidades é uma coisa ruim.

Se um estudante de engenharia diz ao professor que os prazos estão muito curtos e o professor diz que ele está reclamando como uma “mulherzinha”, é possível que o estudante se esforce mais. Mas, qual sua motivação para isso? Não ser considerado mulher? Além do estigma da fraqueza relacionada ao respeito às necessidades individuais, esse caso é ainda mais grave pois soma a isso a misoginia, que é o pensamento de ódio à figura da mulher. Que visão esse estudante terá das mulheres? É vergonhoso ser mulher? Que visão as mulheres terão desse professor? Quais as consequências desses pensamentos em relação à violência cultural do machismo?